



O Sacramento do Matrimônio: Aspecto Antropológico

Ronaldo do Nascimento Oliveira¹

Resumo: O cenário mundial quanto a fé e a conjuntura sócio-econômica, tem se mostrado envolto a várias crises que atingem o ser humano, em todos os âmbitos da sua existência. Dentre essas, se encontram os relacionamentos interpessoais e especificamente a relação homem e mulher, no que se refere à vida conjugal. O presente artigo situará o relacionamento conjugal no seu contexto natural, discutindo a motivação e a índole do ser humano, na construção de uma vida a dois. Para tanto, lança mão da sabedoria mitológica, a fim de explicitar a primeira tentativa de traduzir a condição antropológica do amor como parte integrante da ontologia humana. Ao tempo que gera a sua cultura, o homem em alguns casos se torna vítima dela. isto é, a modernidade produz um sistema de vida cujo valor maior parece calcado no consumo, no individualismo e no hedonismo.

Palavras-chave: Matrimônio, Antropologia, Fé.

The Sacrament of Matrimony: Appearance Anthropological

Summary: The global scenario as the faith and the socio-economic situation has shown wrapped to multiple crises affecting humans at all Am - habits of its existence. Among these, are the interpersonal relationships and specifically the relationship between man and woman, with regard to marital life. This Article shall be situated marital relationships in their natural context, discussing the motivation and the nature of the human being, in building a life together. To do so, makes use of mythological wisdom in order to explain the first attempt to translate the anthropological condition of love as an integral part of human ontology. At the time it generates its culture, man sometimes becomes its victim. ie, modernity produces a system of life whose greatest value seems underpinned consumption, individualism and hedonism.

Keywords: Marriage, Anthropology, Faith

Introdução

Tendo por base o cenário mundial a nível de fé e a conjuntural sócio-econômica, percebemos o estabelecimento de várias crises que atingem o ser humano em todos os âmbitos da sua existência. Dentre essas crises, se encontram os relacionamentos interpessoais e especificamente a relação homem e mulher no que se refere à vida conjugal.

Por isso sentimos a necessidade de desenvolver nesta pesquisa uma reflexão acerca do sacramento do matrimônio, fazendo referência ao seu aspecto antropológico, bíblico e teológico.

Inicialmente situaremos o relacionamento conjugal no seu contexto natural, percebendo a motivação e a índole do ser humano, isto é, aquilo que o faz buscar o outro e com ele construir uma vida a dois. Para tanto, lançaremos mão da sabedoria mitológica a fim de explicitar a primeira tentativa de traduzir a condição antropológica do amor como parte integrante da ontologia humana.

¹ Graduado em Teologia pelo Instituto Teológico e Pastoral do Ceará – ITEP. E-mail: peronaldo.no@hotmail.com



A linguagem mitológica evoca e remete, a partir da realidade, a uma reflexão sobre a vida. Nesse sentido, o mito de amor e psique acentua a necessidade que o homem tem de amar e ser amado, bem como enfrentar obstáculos, empreitando uma busca para realizar esse amor. A busca só acontece por causa da sexualidade que é um dom de deus.

O ser humano é sexuado por vontade do criador. A sexualidade como impulso gerador de relações, nos faz sair de nós mesmos para buscar o outro, pois o diferente de mim é condição de possibilidade de felicidade e realização pessoal.

Todavia, a base de todo relacionamento é o amor. Com vistas à relação matrimonial, seu sustentáculo é o amor no seu tríplice grau: Eros, filia e ágape. Uma vez apaixonado, o casal que naturalmente sente um desejo mútuo a nível sexual (Eros), deve aprofundar o sentimento e chegar ao amor filia (amizade), buscando sempre o ágape, ou seja, o amor sublime, no seu mais alto grau. A questão central na estruturação do encontro conjugal é efetivar a integração do Eros, filia e ágape, compreendendo que não se trata de três tipos de amor, mas dimensões de único amor.

Necessário se faz lançar mão de uma antropologia unitária contra uma antropologia dualista da pessoa. O homem é um todo completo e qualquer tentativa de fragmentá-lo tenderá a deixá-lo sem identidade, contribuindo assim para o eclodir de uma crise existencial. Por exemplo, a dimensão corpórea não se contrapõe à dimensão espiritual, pelo contrário, a integração de ambas realiza a humanidade do ser.

Contudo, o homem, ao mesmo tempo que gera a sua cultura, muitas vezes se torna vítima dela, isto é, a modernidade produziu um sistema de vida cujo valor maior está no consumo, no individualismo, no hedonismo. Essa ideologia comprometeu a compreensão do masculino e feminino, cada um querendo se autofirmar sectariamente.

Mas a realização pessoal passa também pela integração da autoimagem. No masculino há o feminino e vice-versa. Por isso o relacionamento matrimonial deve vislumbrar o encontro recíproco, ambos devem se perceber completos, integrados e buscar a felicidade do outro sem esperar que o cônjuge complete ou preencha as carências pessoais.

No segundo capítulo trabalharemos o aspecto bíblico do matrimônio. É na sagrada escritura que está a fonte primeira da nossa fé e por esse motivo os sacramentos estão radicados nela.

Deus, ao criar o homem e a mulher, os fez a sua imagem e semelhança, designando-os um para o outro (gn 1,27-28). O livro do gênesis deixa claro, tanto na narrativa sacerdotal como na já vista, o desejo e bênção do criador com relação à união conjugal.

Em Israel antigo o matrimônio era concebido como realidade terrestre por duas razões: primeiro para se diferenciar dos cultos de fertilidade prestados a baal pelas culturas circunvizinhas e depois porque estava na ordem da criação e a criação por si já era uma bênção de deus.



Por conseguinte, o profetismo surge com a monarquia e dentre os temas que aborda, a aliança entre deus e seu povo ganha destaque, bem como o paralelismo que se faz entre o comportamento do povo para com deus e a realidade matrimonial. Na visão profética o matrimônio ganha uma conotação divina e expressa o amor de deus pelo seu povo.

Já na literatura sapiencial, principalmente o livro do cântico dos cânticos, exalta-se legítima o amor entre o homem e a mulher, pondo em evidência a busca pela felicidade, realizada no encontro com o amado ou amada, ressaltando também a dimensão corpórea da pessoa.

No Novo Testamento Jesus sela a indissolubilidade do matrimônio e o coloca no plano vocacional. Também lança mão dessa realidade para falar do Reino de Deus, utilizando a imagem do noivo da festa de casamento. São Paulo também trata do tema na mesma perspectiva vocacional e o relaciona com a Igreja.

Por fim, será desenvolvido o aspecto teológico do matrimônio, fazendo referência a Cristo e a Igreja, já que o sacramento do matrimônio foi instituído por Jesus e é administrado pela Igreja.

Os sacramentos são meios de salvação, portanto, são proposta de Deus e resposta do homem. Em se tratando do casamento, deve-se relacioná-lo sempre com o amor de Deus pelo seu povo e o amor de Cristo pela sua Igreja, por que é aqui que reside a sacramentalidade do matrimônio.

Portanto, os elementos essenciais que o torna lícito e legítimo são: o consentimento livre, a forma canônica, a unidade e indissolubilidade. Tudo isso permeado pela graça própria desse sacramento que é o auxílio cotidiano da superação dos obstáculos e a manutenção do amor conjugal. Nesse sentido os cônjuges devem se manter abertos ao efeito da graça.

A abertura à transcendência é condição essencial da efetivação da graça que gera a felicidade e amizade entre os cônjuges. Diante dos desafios impostos pelo mundo de hoje com relação ao matrimônio, torna-se muito difícil manter uma vida conjugal sem a bênção de Deus. Nesse sentido, a promessa de amor para a vida toda, feita pelos cônjuges, diante de Deus e da Igreja, será sustentada pela graça de Deus e tornará um compromisso público de fidelidade conjugal, educação da prole e serviço eclesial.

Aspecto Antropológico

A vida do ser humano é marcada por um profundo mistério que envolve, dentre outros elementos, a mútua relação. É condição ontológica a dimensão de encontro, no sentido de sair de si e ir ao encontro do outro. Assim sendo, essa busca se configura com o desejo de realização pessoal, cuja base é o amor.



Desde o surgimento da raça humana na terra, existe uma relação originária da proliferação da espécie, dando início a um processo evolutivo em todas as dimensões: social, afetiva, psicológica e religiosa. Entretanto, nos interessa constatar, nos dias de hoje, o nível de relação entre o homem e a mulher.

Partindo do princípio de que o amor deve constituir o alicerce de qualquer relacionamento, constatamos, a partir da simples observação do cotidiano, a existência de um certo utilitarismo intersubjetivo, dando margem a compreensões diversas sobre o amor em si.

A cultura, de modo geral, influencia e às vezes determina o padrão de comportamento das pessoas, a ponto de ignorar princípios éticos, morais e religiosos que norteiam o homem na sua busca pela felicidade.

Marco situacional da relação homem-mulher: o mito de Amor e Psique

Numa análise de conjuntura, sem paixões nem generalizações, percebemos que a relação homem-mulher, a nível de vida conjugal, tem apresentado sintomas de crise e desajuste. Isso ocorre devido a uma carência na formação humana e religiosa onde os paradigmas perenes estão sendo esquecidos ou substituídos por ideologias cujo objetivo é tornar definitivo momentos efêmeros, gerando uma falsa ideia de felicidade.

Existe uma tensão entre os valores éticos e cristãos no que se refere ao matrimônio e o pensamento neoliberal do mundo moderno, onde as relações são consideradas apenas sob o ponto de vista econômico e utilitarista. Por isso é importante buscarmos um suporte antropológico que nos auxilie na fundamentação do valor da vida conjugal como condição essencial para os vocacionados ao matrimônio.

Olhando para a história do conhecimento humano, encontramos no mito um primeiro ensaio de explicação da realidade, ou seja, o fenômeno é traduzido numa história que evoca símbolos, arquétipos, alegorias e conceitos. No entanto, todo o enredo está impregnado de sentido moral e traz um ensinamento, uma mensagem real sobre a vida nos seus diferentes aspectos.

O mito não é uma história fantasiosa e inconsequente ou fruto do delírio de alguém. Pelo contrário, ele surge da experiência do homem no âmbito social, cosmológico e divino. Esse conhecimento deve ser exaurido e a sua mensagem refletida, a fim de ser aplicada no cotidiano da vida.

Num tal quadro de pensamento, a sexualidade humana que possui por si própria um valor sagrado encontra, no plano do mito, a fonte profunda e a justificação da sacralidade, o próprio princípio de sua significação para o homem. Com efeito, o divino não se concentra num Deus único e pessoal, totalmente transcendente com



relação aos dados concretos da experiência humana. Ao contrário, ele se reparte numa multidão de deuses e deusas, que forma casais ou ao menos podem formar casais; cada um destes casais concretiza a seu modo, à maneira de arquétipos, os diversos aspectos da relação homem-mulher: fecundidade, amor, instituição matrimonial (GRELOT, 1975, p. 12-13).

Portanto, nos interessa resgatar o mito de Amor e Psique para mostrarmos um esboço do valor e intensidade do amor que, quando verdadeiro, é capaz de superar qualquer obstáculo a fim de se concretizar; nesse sentido, conta também com ajuda divina.

A narrativa do mito de Amor e Psique é muito rica em simbologia e detalhes que não vem ao caso explorar totalmente. Todavia, devemos perceber a centralidade da mensagem, por isso vamos relatar de forma sucinta a história.

Psique não era deusa, mas era adorada como tal pelos homens devido a sua extraordinária beleza que lhe causava um duplo problema involuntário: a rivalidade de Vênus e a solidão, pois nenhum homem tinha coragem de pedi-la em casamento por se acharem indignos. Ela era a terceira filha de um rei. Vênus, por pura rivalidade, manda Amor, seu filho, castigar Psique, mas quando Amor a vê, não resiste à sua beleza e decide raptá-la. Então simula um cortejo fúnebre no deserto para enganar sua mãe e vai morar com Psique num castelo encantado onde ela era servida de tudo que há de melhor, por servidores invisíveis. Nesse palácio acontecem as núpcias com Amor que permanece invisível, ou seja, ela vive com um esposo que não conhece e que só se aproxima dela à noite. Mesmo experimentando muita felicidade, Psique se sente só e consegue uma autorização do marido para visitar as irmãs. Amor a adverte dos perigos que correria ao realizar a visita. Suas irmãs, com inveja, a convencem matar o marido. A noite ela pega uma vela e um punhal para executar a tarefa, mas ao reconhecer Amor, se arrepende. Nesse momento cai um pouco de cera sobre o deus que acorda e voa.

Numa atitude de desespero, Psique se agarra em Amor mas cai no deserto. Tamanha sua dor e arrependimento que tenta o suicídio, mas é impedida pelo deus Pã que a convence de lutar pelo perdão de Amor. Então começa o grande sofrimento de Psique, pois perambula pelo mundo a procura de Amor que é mantido como prisioneiro de sua mãe. Ele está muito fraco por causa do sofrimento.

Cansada, Psique decide se entregar a Vênus que lhe concederá o reencontro com Amor, se conseguir cumprir quatro tarefas, impossíveis de serem realizadas por um ser humano. Antes da realização das tarefas, Vênus entrega Psique aos criados de nome Hábito, Preocupação e Tristeza, para chicoteá-la.

Para cada tarefa, Psique teve a ajuda de animais cuja simbologia se liga a um deus e a um elemento da natureza (água, fogo, ar e terra). A última prova consistia em descer ao inferno e pegar a caixa de Prosérpina. Psique foi advertida para não abrir a caixa, mas se deixando vencer pela curiosidade, ela comete mais um erro ao abrir a caixa. Então um sono mortal salta da mesma e a atinge. Mas pelo fato de ter cumprido as quatro tarefas, Amor se liberta da prisão e a salva. Amor pede



a Júpiter que conceda a imortalidade a Psique. Esse pedido é concedido e as núpcias de Amor e Psique são realizadas no céu e dessa relação, nasce entre os deuses, uma filha chamada Volúpia².

Atualização do mito de Amor e Psique

O mito de Amor e Psique tem muito a nos ensinar sobre o amor e a relação conjugal, pois a narrativa está permeada de simbologia que revela a condição de quem ama e busca nesse amor a realização da felicidade, cujo ápice se dá numa esfera transcendente, no encontro do humano com o divino.

Uma primeira situação que podemos perceber é a tristeza de Psique por viver na solidão, mesmo sendo extraordinariamente bela. Então, quando Amor a encontra e vão viver no castelo encantado, mesmo sem conhecer o marido, Psique era feliz, embora se sentisse só, com saudade da família.

Parece-nos que a relação de Amor e Psique estava fechada em si, não havia abertura para outras pessoas participarem da vida do casal. Isso deu margem à curiosidade de Psique para quebrar o encanto e romper a relação. Não podemos esquecer que quando Psique obteve do marido a autorização para visitar as irmãs, foi alertada do perigo, mesmo assim enfrentou. Isso nos mostra a existência dos riscos, dos erros, dos perigos presentes em qualquer relação, o que não deve existir é o fechamento.

Quando Amor vai embora, começa a procura de Psique pela reconquista do amor perdido. Para isso não mediu esforços. Todo ser humano traz no seu âmago uma insatisfação existencial que motiva a busca fora de si por esse algo que falta; uns o procuram no acúmulo de bens, alguns buscam exclusivamente Deus, outros anseiam por uma relação interpessoal com a(o) amada(o), enfim, a busca primeira é pela felicidade.

De modo geral, as pessoas se identificam com a busca de Psique porque também buscam o amor perdido ou o amor que ainda vai encontrar.

Nessa busca, Psique passou por provações, recebeu ajuda, sentiu desânimo, cometeu erros, mas não desistiu e lutou para salvar a relação até conseguir vencer e libertar Amor da prisão, então o amor venceu e foi festejado no "céu", na transcendência.

E importante acentuar o não fechamento de Amor, pois perdoou Psique, que por sua vez também não se fechou em si e correu atrás do perdão de Amor. É corriqueiro o rompimento de casais que poderiam ter vivido uma linda história de amor. Entretanto, dado o fechamento de ambos, o orgulho imperou, o egoísmo dominou e o medo castrou qualquer possibilidade de reencontro.

² O resumo do mito de Amor e Psique se baseia na narrativa de BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussekind et alli. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 795-797



Isso acontece porque a sociedade moderna não oferece condições de maturidade da pessoa. Pelo contrário, desgastou a relação homem-mulher, reduzindo-a a um encontro sexual, cujo objetivo é a realização libidinosa no exercício da genitalidade. Sob esse ponto de vista há um rompimento entre pessoa e o sexo.

Ao romper sua relação com a pessoa, o sexo desliza insensivelmente para a mercadoria de consumo. Todos somos conscientes da escravidão profunda criada na sociedade por essas exigências artificiais... Para cair em conta dessa instrumentalização, basta lançar um olhar no fenômeno da pornografia tal como se vive em muitos ambientes atuais e em certos meios de comunicação (AZITARTE, 1997, p. 36).

Assumir esse comportamento é regredir a um estágio onde o instinto comanda em detrimento do racional. O ponto de partida na escala evolutiva referente à vida conjugal, está nos princípios éticos postulados no mito de Amor e Psique: a descoberta do verdadeiro amor, a busca de uma relação equilibrada, a superação de obstáculos, a realização pessoal de cada um, o perdão mútuo.

Portanto, o que deve prevalecer numa relação matrimonial é o amor, pois esse amor é força ordenadora e integradora da pessoa toda na suas multidimensões. É preciso manter essa fonte e tirar dela os elementos condutores da felicidade.

A sexualidade como Dom de Deus

A luz da Revelação Divina, cremos que Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, imprimindo em sua condição ontológica o dom da sexualidade: "por isso o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne" (Cm 1,24).

A sexualidade faz parte do todo da pessoa humana. Trata-se de uma força propulsora, responsável pelo movimento de saída de si para o encontro com o outro. Isso acontece quando é orientada para a edificação do ser, alicerçada em princípios éticos, pois a sexualidade em si traz elementos ambíguos e quando não são integrados, pode levar a autodestruição da pessoa.

A sexualidade deve ser vista na perspectiva autolibertadora, no sentido de não permitir uma relação onde se sobressaiam contravalores como o egoísmo, utilitarismo, subserviência e tantos outros. Também comporta referência ao outro, ou seja, a personalização não se dá no voltar-se sobre si mesmo, mas exatamente no diálogo profundo com o diferente estimulado pela sexualidade que, quando bem integrada, leva-nos não só a evitar a exploração e dominação do outro, mas contribui positivamente para o mútuo crescimento.

No relacionamento matrimonial é imprescindível o cultivo da autenticidade e fidelidade que também são características da sexualidade. A doação ou é total ou nega ao companheiro(a) aquilo que



ele ou ela tem direito, pois o "tornar-se uma só carne" implica numa profunda intimidade que exige autenticidade, isto é, um desmascaramento de sentimentos e atitudes. Quanto à fidelidade, não deve ser entendida só como o não adultério, mas significa atenção, constância, coerência, respeito.

A sexualidade é uma estrutura antropológica privilegiada, na qual e mediante a qual o homem realiza a abertura em sua dupla dimensão de necessidade e oblatividade. A sexualidade é a grande força que nos impele a abrir-nos e a sair de nós mesmos; é como uma força centrífuga formidável que nos impulsiona para fora (VIDAL, 2002, p. 111).

Fica claro que o homem é um ser de relação e tal realidade envolve quatro níveis: consigo mesmo, com os outros, com Deus e com a natureza. Assim sendo, o exercício da sexualidade em referência ao movimento de saída do interior para o exterior deve acontecer primordialmente no âmbito intersubjetivo.

Factualmente o ser humano está inserido no mundo, o que abre espaço para um quarto nível relacional: com a natureza. Nessa relação o homem domina, destrói, recria, transforma, manipula a matéria. Então reside nesse contexto, um problema que afeta direta e indiretamente o desenvolvimento da maturidade do homem e da mulher referente à sexualidade.

Pois o fenômeno atual no tocante ao relacionamento nas suas multiformas nos revela uma inversão de valores. A dominação da natureza e da técnica faz as pessoas criarem laços afetivos com as coisas: bens materiais, máquinas, dinheiro, poder, cargos, etc. Fazendo uma leitura inferencial, isso acontece devido um desejo enorme de segurança, de paz, de realização pessoal, de felicidade e de amor.

O desejo de felicidade é uma condição ontológica da pessoa, agora a forma de atingi-la, atualmente, se configura como um desafio para quem a procura.

Quando falamos de ontologia, queremos dizer que a sexualidade tem a ver com o ser real e profundo de ser humano. Ela não é algo agregado que lhe pode faltar nem algo meramente histórico-social que, como foi um dia socialmente construído, pode ser também desconstruído (MURARO e BOFF, 2002, p. 70)

Assim sendo, a ligação afetiva e efetiva deve acontecer no relacionamento intersubjetivo, porque o mundo e as coisas estão para nós enquanto nós somos para os outros. Na relação matrimonial o cônjuge é para o outro, mas é preciso considerar o fato de cada pessoa ter sua liberdade, dignidade e individualidade. Isso implica dizer que na vida conjugal existem limites a serem respeitados por ambos. No encontro entre duas liberdades não deve existir anulação de nenhuma das partes, mas diálogo.



Por isso é urgente uma ética da sexualidade porque é a partir dessa realidade que se humaniza ou se coisifica as relações e as pessoas. O contexto da sexualidade é amplo e supõe dimensões a serem trabalhadas e integradas.

Cada uma das dimensões é como que uma janela que se abre para o mundo. Através dessas janelas cada pessoa se comunica com o mundo circunstante e com as outras pessoas. E ao se comunicar, ela influencia. Mas, por outro lado, uma janela nunca se limita ao "para fora": ela comporta também um "para dentro". Ou seja, é através destas dimensões que, ao mesmo tempo em que nos projetamos para o mundo, possibilitamos que o mundo se projete para dentro de nós (MOSER, 2001, p. 36).

No âmbito da dialética se faz necessário uma síntese do conteúdo que entra e sai pela janela. Pois, baseado na nossa reflexão sobre sexualidade, percebemos que no contexto da modernidade, a relação seja a nível pessoal, conjugal, social ou religioso, geralmente acontece em polaridades: ou não se aceita o que vem de fora ou se impõe o que está dentro.

Entre o homem e a mulher existem elementos comuns e diferentes, portanto o movimento de saída para ir ao encontro do outro é motivado por uma realidade universal: o amor. Contudo, os componentes que estabelecem as diferenças não devem fomentar princípios de dominação nem de uma parte nem de outra. Isso acontece quando há fechamento e egoísmo.

Para compreendermos melhor as razões de determinados comportamentos em interação relacional se faz necessário uma abordagem sobre o amor na sua tríade: Eros, Filia e Ágape. Na realidade não se trata de três tipos de amor, mas são conotações de um único amor.

Amor Eros

Falar do amor na conotação do "eros", gera um certo receio porque entramos numa área onde reside a sexualidade no seu estágio mais primitivo, onde encontramos também uma força dinamizadora que dá origem à criatividade, à paixão, ao desejo, à fantasia, ao bem comum, ao ódio, ao vício, à inveja, ao poder de destruição e construção. Isso implica dizer que o eros traz no seu bojo uma série de contradições.

Por isso o eros precisa ser conhecido, dominado, orientado a nível do consciente. Cabe a nós entrarmos em contato com essa força e percebê-la nem como boa nem como má, apenas como potência de crescimento. Ou seja, entrar em contato com ela é o primeiro passo para a maturidade, principalmente no campo afetivo-sexual.

Todavia, é mais comum as pessoas ligarem a realidade do eros ou erotismo ao ato sexual, o que inibe uma reflexão mais ampla acerca dessa força "misteriosa" que influencia o comportamento como um todo.



E que o erotismo se manifesta tanto mais ameaçador quanto mais é reduzido ao sexual, numa espécie de "cultura de reduções", como é a nossa: 'O erótico é reduzido ao sexual, o sexual é reduzido ao genital e o genital é reduzido ao descartável. Neste processo de reduções começamos como pessoas e terminamos como coisa (MOSER, 2001, p. 202).

É na perspectiva da mútua coisificação que grande parte dos relacionamentos acontecem. Isso se dá por imposição da cultura, cujo intento é implementar a mentalidade do efêmero tanto a nível material como também sentimental, atingindo diretamente a relação conjugal.

O eros se configura como um primeiro estágio na relação, uma etapa inicial que num segundo momento deve progredir, até porque não devemos dissociar ou suprimir o erótico do relacionamento matrimonial, nem tão pouco reduzi-lo somente a este nível.

Como manifestação dessa característica da sexualidade atual, deve-se evidenciar a dissociação que se operou nos valores da sexualidade. Se admitirmos que há na sexualidade uma conjunção harmoniosa de "sexo", "eros" e "ágape", vemos que na sociedade atual esses valores estão dissociados. Mais ainda, existe uma tendência a reduzir a sexualidade a um deles, o valor mais ínfimo, o "sexo". Surge na configuração atual da sexualidade uma "hipergenitalização" que não corresponde à evolução normal e denota uma regressão a uma etapa sexual "infantil" ou "pré-adolescente" (VIDAL, 2002, p.93).

Então, uma relação que tem como base apenas a atração física ou a busca por uma satisfação sexual erótica, não se sustenta nem culturalmente porque, segundo a mentalidade hodierna, quando uma das partes se cansar ou não sentir mais prazer com o parceiro(a) pode trocar por outro(a); nem psicologicamente porque necessariamente vai surgir a necessidade de amar e ser amado, de ter alguém para partilhar as alegrias e as tristezas, de se encontrar no outro uma segurança, um apoio, uma fortaleza.

Evidentemente, na vida matrimonial o amor eros é importante, mas se trata apenas de um aspecto da relação conjugal. Existem outras dimensões que devem ser consideradas e mantidas, como é o caso do amor filia e do amor ágape.

Amor filia

A tríade eros, filia e ágape supõe um processo evolutivo que deve partir do Eros para se atingir o ágape. Por conseguinte, o filia, do grego: amizade, se encontra numa situação intermediária. A amizade é o caminho para atingirmos ao ágape, pois enquanto uma relação erótica, onde acontece o sexo, pode acontecer de forma estanque ou episódica, descompromissada, na amizade não.

A relação filia é iniciada a partir de um encontro que gera nos envolvidos uma empatia. Assim sendo, tal sentimento para se fortalecer, criar raízes, deve ser alimentado através de outros encontros, a



fim de concretizar um conhecimento mútuo: descobrir com o outro os pontos comuns e divergentes e, mediante o diálogo, experimentar a alegria de ter encontrado um amigo.

A beleza da amizade consiste num envolvimento gratuito, livre, desprovido de qualquer desejo de possessividade ou utilitarismo. Por isso,

[...]devemos dizer que a amizade também é uma forma de amor. Ela é a forma ética do amor: nela não há competição, não há tentativa de absorção. E é justamente por estas virtudes próprias da amizade que se pode afirmar ser ela uma etapa importante e até decisiva na caminhada que vai do eros ao ágape (MOSER, 2001, p.207)

Atingir o estágio de amizade é tomar posse dos nossos sentimentos e emoções no sentido de assumi-los de forma ética, transpondo aos ditames instintivos. Todavia, se apresenta como exigência do amor filia, o alimento da amizade efetivado na reciprocidade, ou seja, o outro é condição que possibilita a fecundidade desse alimento.

Assim como no matrimônio não pode faltar o desejo erótico, muito menos a amizade, porque é a partir da filia que o casal torna comum a vida, abre o coração, conduz o relacionamento com amor, avalia e mantém uma postura de abertura no caso de renunciar a determinado comportamento, sem ferir a liberdade, em nome do bem-estar do outro. Viver essa experiência é estar aberto ao amor ágape.

Amor ágape

Quando Jesus Cristo centra sua mensagem no amor ágape, ele sabe da dificuldade de se atingir esse nível, mas também tem a certeza de que é possível. Em Jesus, o ágape se situa no âmbito do amor desinteressado, gratuito e livre. Na linha do relacionamento humano, podemos citar como exemplo o amor materno. Espiritualmente, encontramos a experiência mística dos grandes santos: Tereza d'Avila, São João da Cruz, São Francisco, cujo prazer transcende ao invólucro da carne para buscar o perene, a própria fonte do amor: Deus.

Apesar de termos citado como exemplo, santos celibatários, não implica dizer que na relação a dois não seja possível atingir o ágape porque se trata do amor no seu mais alto grau de gratuidade e abertura ao transcendente: Deus. Por exemplo: Santa Edvirens, Ana e Joaquim, os pais da Virgem Maria, na realidade, em qualquer estado de vida, a maturidade humano-afetiva é sempre um ideal concreto. Como estamos tratando da relação matrimonial, nos deteremos para refletir a partir desse contexto.

Toda paixão no seu estado arrebatador, embora não estando definida devido ao emaranhado de emoções que a acompanha, traz na sua bagagem um caráter monogâmico junto com outras virtudes. O



desafio consiste em, depois da paixão inicial, saber trabalhar os sentimentos: o medo de amar e de ser amado.

No enamoramento reorganizamos, em volta da pessoa amada, todos os nossos afetos anteriores, todo o nosso trabalho, toda a nossa vida. Querer juntos as coisas que cada um autenticamente deseja significa ter de mudar, ter de se separar das coisas que queríamos antes, às quais dávamos importância (MOSER, 2001, p. 205)

O cerne da questão quanto à busca do ágape, é a tomada de consciência de si e do outro. Temos então, o princípio das realidades separadas, ou seja, cada pessoa é única, tem sua própria vida psíquica, história pessoal, projetos de vida, isso implica numa responsabilidade mútua de respeito entre ambos. A percepção de si e do outro deve remeter a uma abertura espontânea para a realidade divina, isto é, para Deus.

Tomamos consciência das nossas potencialidades e limitações quando nos deparamos com o diferente. Temos então, sinais visíveis de "conversões" capazes de fazer interagir os diferentes elementos da vida, atingindo assim a maturidade da sexualidade no encontro conjugal.

O curioso é que toda essa "conversão" assusta as pessoas apaixonadas, conduzindo-as a um sentimento ambíguo de querer e temer ao mesmo tempo, pois o amor ameaça o egoísmo e o comodismo de quem passa a amar "apaixonadamente."¹⁰ (MOSER, 2001, p. 205)

Nesse âmbito, o caminho de maturidade na relação homem-mulher procede de uma realidade processual, onde a primeira etapa está no nível erótico (paixão), num segundo momento se atinge um grau maior de lucidez e tranquilidade (filia) e o terceiro é a plenificação do amor de pura gratuidade e transcendência.

Diante de todos esses conceitos é importante ressaltar que o amor eros, filia e ágape não são realidades separadas, parte ontológica do ser, portanto devem interagir de modo a realizar a maturidade da sexualidade.

A necessidade de uma antropologia unitária contra uma antropologia dualista

Em contrapartida à concepção parcial e fragmentada que se tem do ser humano difundida pela modernidade, hoje as ciências humanas insistem na urgência de uma implementação de uma visão holística sobre o homem enquanto indivíduo e enquanto integrante de um universo inter-relacional.



Platão sistematizou uma teoria dualista sobre o mundo e o homem, defendendo a existência de dois mundos: o mundo das aparências, onde vivemos e o mundo das ideias (realidade metafísica). Com relação ao homem, Platão fazia uma separação entre o corpo e a alma, ou seja, durante a vida a alma estava aprisionada no corpo e por isso desejava se libertar, a fim de voltar para o "mundo das ideias".

A partir dessa concepção, outras correntes filosóficas assumiram tal postulado como foi o caso dos estoícos e mais tarde, na Idade Média, a Igreja desenvolveu uma teologia espiritualista, onde o corpo era visto como fonte de pecado, por isso era preciso castigá-lo com o objetivo de elevar a alma para Deus. Como ideia dominante, concebia-se a sexualidade como algo negativo e o sexo mais ainda. Essa visão acarretou uma repressão sexual.

A antropologia espiritualista, como já se manifesta na filosofia estoíca, pretende libertar alma de suas cadeias corporais que impelem sua verdadeira realização. O esforço ascético para não se deixar levar pelos impulsos da carne, o domínio dos sentidos, a renúncia concreta ao prazer sexual e, inclusive, ao próprio casamento, constituem o melhor caminho para a vida autenticamente livre e racional, sem o pesado lastro desses elementos materiais (MOSER, 2001, p. 205).

Essa corrente ideológica nega a integração da pessoa, sua humanidade histórica, até mesmo o ato criador de Deus que nos fez sexuados, aptos para o amor. Pensar de forma dualista se torna um perigo muito grande, pois se existem duas forças antagônicas no ser, certamente uma vai se sobrepôr à outra.

Os risco consiste em viver nas polaridades. Por exemplo: na Idade Média supervalorizou-se o espiritual e negou-se a dimensão corpórea; na modernidade, como expressão de "liberdade", onde a Igreja não dita mais as normas de conduta¹³, se está caindo num hedonismo inconsequente. O instinto, o corpo, o sexo, o prazer, o biológico, agora são elementos supervalorizados em detrimento da realidade espiritual.

Se antes se desprezava todo o corpóreo e sexual como indigno do homem para fomentar um espiritualismo desencarnado, incide-se agora numa visão puramente biológica e materialista, com esquecimento da dimensão espiritual, como se o ser humano fosse simplesmente macaco desnudo. O rigorismo e a permissividade sem nenhum limite partem de uma antropologia comum: a separação absoluta entre o psiquismo e a matéria, entre o racional e o biológico (AZIPTARTE, 1997, p.25).

Esse tipo de mentalidade atinge diretamente os relacionamento em todos os níveis e principalmente a relação matrimonial, pois nesse sentido a outra pessoa se apresenta como possibilidade de satisfação libidinosa. Prova disso é o medo que as pessoas tem de se comprometerem, de assumirem uma relação conjugal no âmbito jurídico e religioso.



Entre os jovens se gestou uma mentalidade de "ficar", isto é, o namoro como instância de diálogo, conhecimento mútuo, discernimento para o matrimônio é visto como arcaico, desnecessário.

Então, diante desses dados, é urgente a necessidade de uma reflexão e implementação de uma antropologia e uma teologia unitária, onde o ser humano é percebido a partir do todo.

A experiência pessoal nos leva ao convencimento imediato de que o sujeito de todas as operações espirituais e corporais é a pessoa humana. O mesmo que pensa, ama, compreende e deseja é quem sente a dor e a fome, contempla a paisagem e escuta a música. Não existe princípio diferente para cada uma de nossas atividades. O que chamamos de corpo e alma não são, pois, duas realidades distintas que se dão em nosso ser, nem dois extratos ou níveis que se pudesse limitar em seu interior (AZIPTARTE, 1997, p.25)

É imprescindível cultivar a consciência sobre o princípio unitário em nossa vida, pois o equilíbrio fundamental da pessoa, consiste em harmonizar e integrar em si todas as dimensões inerentes ao ser humano. Separar as realidades é conceber um homem dividido à procura de se auto-afirmar numa determinada dimensão e suprimir outras.

A negação da unidade e afirmação da dualidade inevitavelmente gera uma crise existencial destrutiva, porque então, deseja-se encontrar fora de si as condições perfeitas para a felicidade quando, na realidade, tais condições são intrínsecas à pessoa. O corpo e a alma, o interno e o externo, o biológico e o espiritual, fazem parte de uma única realidade.

No contexto matrimonial, cada cônjuge deve primar pela integração de sua vida psico-afetiva, num exercício sadio da sexualidade. Quando a pessoa se sente inteira, completa e realizada, é natural sua disposição para se abrir ao outro para fazê-lo feliz. Mas quando, numa relação, um ou ambos se sentem divididos internamente, a crise é inevitável, pois afloram as carências, o ciúmes causado pela insegurança, a dependência afetiva, a hipersensibilidade, complexo de inferioridade, enfim, desencadeia uma série de problemas que levam ao fim da relação.

A base da construção de uma vida a dois está justamente no equilíbrio psico-afetivo de ambos, abertos às necessidades do outro, sem se anular. Trata-se de duas liberdades que experimentam um sentimento mútuo capaz de transformar a vida num espaço de felicidade e realização pessoal. Mas devemos salientar que é preciso primar pela preservação de dois contextos: salvaguardar a liberdade e o respeito pela condição essencial do masculino e feminino que, embora tendo elementos comuns, também tem elementos distintos.



O Masculino e o Feminino na modernidade

Assim como a sexualidade traz internamente dimensões que necessitam interagir para formar o todo maduro da pessoa, a compreensão do masculino e feminino está submersa num complexo dimensional, fazendo-se, portanto, necessário apreendermos tal realidade a fim de percebermos o papel de ambos no mundo contemporâneo.

O que "determina" a compreensão do ser masculino e feminino são fatores econômicos, culturais, antropológicos, sociais e ontológicos. Lançando um olhar para a história, percebemos que em diferentes épocas e culturas, o papel do homem e da mulher tem sofrido alterações e até mesmo inversões, no tocante ao contexto da modernidade.

A modernidade atrelada ao neoliberalismo não só dita as regras da economia, como se impõe como cultura dominante carregada de ideologias que reformulam o modo de vida, os conceitos das pessoas, principalmente na linha da ética, da moral e da religiosidade. Isso estabeleceu uma crise em todas as dimensões da vida humana, principalmente na forma intersubjetiva de relacionamento.

Uma das características da modernidade é a implementação das seguintes ideias: tudo é relativo; a felicidade é alcançada no fundamento do acúmulo de riquezas, do poder e do prazer; o indivíduo tem primazia sobre o coletivo; a referência que legitima as relações humanas é o bem-estar individual e intimista, ou seja, o outro é visto como complemento de carências. Então se articula o princípio da complementaridade em detrimento da reciprocidade.

Entretanto, a questão da felicidade existencial é latente, por isso o ser humano busca sua identidade enquanto homem e mulher, apesar de, na empreitada dessa busca, correrem o risco de trilharem caminho inviáveis.

Sabemos que a orientação consiste na integração da sexualidade e a compreensão do ser masculino e feminino nas suas respectivas condições existenciais baseadas sempre no princípio da interação e integração dos elementos intrínsecos e extrínsecos à essência de cada um.

A mulher "perfeita" não é aquela que anula os elementos atribuídos à masculinidade, mas aquela que os integra, sem perder a feminilidade. O varão "perfeito" não é aquele que anula os elementos atribuídos à feminilidade, mas aquele que os integra em si, sem perder sua masculinidade. A integração da sexualidade se dá exatamente nesse confronto entre homem e mulher, entre masculinidade e feminilidade. O varão e a mulher se fazem um sob o olhar do outro, e isto também no plano social (MOSER, 2001, p. 199).

É preciso ver, à luz da Revelação e da razão, o princípio último que legitima a realização pessoal, a felicidade na relação, o encontro. Homem e mulher não são realidades antagônicas ou contraditórias, mas fazem parte de uma mesma essência: a humanidade.



Sob o ponto de vista cultural, a identidade masculina e feminina foi como que desvirtuada ou reduzida a papéis parciais assumidos pelo homem e pela mulher. Então foi gestada uma cultura patriarcal na qual ambos os gêneros se fecharam e anularam parte de si, numa busca insensata de ordenar a vida social e afetiva.

O drama da cultura patriarcal reside no fato de ela ter usurpado o princípio masculino somente para o homem, fazendo com que este se julgasse o único detentor da racionalidade, do mando e da construção da sociedade, relegando para a privacidade e pra tarefas de dependência a mulher, não raro considerada um apêndice, objeto de adorno e de satisfação. Ao não integrar o feminino em si, o homem se enrijeceu e se desumanizou. Por outra parte, o patriarcado identificou o feminino com a mulher, impedindo-a de uma realização mais completa, com a inserção do masculino e dos seus valores no seu processo de personalização e socialização. Ambos se depauperaram antropológicamente e mutilaram a construção da figura do ser humano uno e diverso, recíproco e igualitário (MURARO e BOFF, 2002, p. 77).

Evidentemente ainda hoje lidamos com a presença de elementos patriarcais no modo de vida, embora com menos força que no passado. Entretanto, a questão central na superação desse dado cultural não consiste na mudança de papéis do homem e da mulher, mas na tomada de consciência, que ambos devem ter, de integrar em si o masculino e o feminino, cada uma na sua constituição essencial.

No processo dialético dessa integração deve ocorrer uma síntese que contribua para a construção do ser pessoal, oferecendo elementos de igualdade, acolhimento e compreensão da realidade ontológica de cada ser.

Nessa perspectiva, o homem e a mulher, no cultivo da integração pessoal, podem de fato construir uma relação sólida e feliz, sem a sombra de uma ameaça de desintegração ou frustrações traumáticas interferirem no amor conjugal. Só é possível fazer alguém feliz quando se é feliz.

Para explicitarmos melhor o processo de integração do masculino e feminino na vida do ser humano precisamos estabelecer a diferença entre a ideia de complementaridade e reciprocidade.

O encontro complementar

É corrente a ideia, fruto também da modernidade, de que o relacionamento homem-mulher acontece com base na complementaridade, ou seja, parte-se do princípio de que todo ser humano é incompleto, por isso busca sua "alma gêmea", a "cara metade", a pessoa ideal para a efetivação do complemento.



Nessa perspectiva, a outra pessoa vai ser vista como objeto ou mercadoria que deve sanar as necessidades do parceiro. Numa relação onde predomina o princípio único e exclusivo da complementaridade, um dos dois vai ter que se anular para atender às exigências do outro.

Cada um possui tudo, mas não da mesma forma e na mesma proporção. Por isso, ninguém se basta a si mesmo e pode encaramujar-se sobre sua própria concreção. Porque é relativamente completo, está dimensionado à relação à reciprocidade e à complementaridade com o outro (MOSER, 2001, p. 201)

A afirmação de Boff deixa claro a individualidade e identidade de cada pessoa na convivência matrimonial. Entretanto, também vão existir momentos onde a complementaridade vai ser necessária, mas não é o fundamento último da relação.

Para a perenidade da relação homem-mulher é importante o cultivo de duas realidades: o amor e o respeito ao outro. Deve existir a renúncia por parte de ambos daquilo que atrapalha o convívio, movidos pelo desejo de ver o outro feliz, fazendo valer o exercício da alteridade.

O encontro recíproco

Quando saímos de um sistema de pensamento hermeticamente fechado e nos colocamos numa atitude de acolhimento ao diferente, podemos analisar uma determinada realidade a partir de vários ângulos. A posição de abertura é condição imprescindível no encontro conjugal entre o homem e a mulher, pois ambos são diferentes. Porém, o sentimento comum, o amor, deve originar o princípio da reciprocidade.

A reciprocidade consiste na tomada de consciência de que cada pessoa é completa, mesmo de forma diferente, e de que no relacionamento a dois a doação deve ser mútua. Não no sentido de querer ser completado, mas no de perceber a reação de cada ação. Assim sendo, o valor do encontro está na entrega total ao outro cuja reação é também de abandono no amor do amado(a) a fim de serem um.

É bem verdade que o ser masculino e feminino são universos complexos, mas não antagônicos, ou seja, são compostos por elementos diferentes e comuns ao mesmo tempo. Logo, embora o conflito seja uma realidade presente, a relação deve se firmar nos elementos comuns, buscando superar as divergências. "A reciprocidade nos faz perceber melhor que a humanização, que passa forçosamente pelo conflito homem-mulher, é um processo inacabado" (MOSER, 2001, p. 201)

A construção da felicidade numa relação esponsal implica na confluência de pessoas singulares que, com base na nobreza de sentimentos incluso o amor por excelência, se unem a outrem para juntos mesmo objetivo construir a vida na busca da realização pessoal.